

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

MANIFESTAÇÃO DA ANGÚSTIA EM MULHERES COM CÂNCER

Jéssica Barbetto de Souza (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Luma Dantas Ramos (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Lúcia Cecília da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: jebarbetto@hotmail.com
lumadramos@hotmail.com

Palavras-chave: Câncer. Mulheres. Angústia. Fenomenologia.

A neoplasia, mais conhecida como câncer, é uma doença maligna que apresenta como característica o crescimento desordenado de células que invadem os tecidos e os órgãos. O câncer origina-se em células normais do corpo. As células saudáveis se multiplicam quando necessário e morrem quando o organismo não precisa mais delas. O câncer surge quando o aumento de células do corpo está fora de controle ou quando a célula não realiza apoptose, que é sua morte programada. Essas células têm a capacidade de auto nutrição e também invasão de outras estruturas quando desprendidas e migradas para demais regiões do corpo, designando a metástase. As células cancerígenas multiplicam-se rapidamente, sendo consideradas muito agressivas e incontroláveis determinando a formação de tumores. Existem diversos tipos de câncer. O câncer pode se desenvolver em qualquer órgão ou tecido, como, por exemplo, o esôfago, a mama, a próstata, a pele, os ossos, os tecidos nervosos, entre outros. Porém, nem todo câncer é um tumor, um exemplo disso é a leucemia, que é uma doença maligna dos glóbulos brancos (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2013).

Segundo Fraga e Schultz (2009) como a doença se prolifera progressivamente, atualmente faz-se necessário a realização de estudos para complementação e aprimoramento dos assuntos acerca dessa doença. O trabalho proposto que se situa na interface entre psicologia e outras áreas da saúde podem esclarecer os profissionais, que lidam com pacientes oncológicos, da importância de suas práticas propiciarem aos seus pacientes a oportunidade deles expressarem sua angústia. Este estudo, ao buscar compreender como a angústia se manifesta no paciente oncológico, pode trazer contribuições sociais, no sentido de esclarecer a família das dificuldades envolvidas no enfrentamento do câncer, bem como da importância do acolhimento emocional nesse processo. É comum famílias se desestruturarem ao receber o diagnóstico de um ente querido, e isso faz com que a angústia do portador de câncer se expresse demasiadamente. Esta pesquisa poderá também trazer contribuições para a sociedade

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

de um modo geral, na medida em que possibilitará o esclarecimento de dúvidas que surgem nesse meio, ajudando pessoas que vivem com pacientes oncológicos a como se relacionar com eles, norteando a visão da sociedade para que possa auxiliá-lo e ajudá-lo a amenizar a angústia.

O intuito de estudar a angústia na percepção de mulheres com câncer surgiu do interesse das autoras em compreender o sofrimento e medo enfrentados pelas pacientes. Inúmeros questionamentos levaram a escolha e a elaboração do tema, por exemplo: como as mulheres se sentem diante da doença, qual o impacto causado na vida delas e a maneira como lidam com o câncer. Alguns autores enfatizam que ao receber o diagnóstico de que tem um câncer, o sentimento da pessoa é que recebeu uma sentença de morte. É uma doença difícil de ser enfrentada também pelas características do seu tratamento, que pode envolver mutilação e desfiguração física. Por isso, a angústia é comum na vivência da pessoa que passa pela situação de estar doente de câncer (SILVEIRA, 2002, SILVA, 2009).

Segundo a perspectiva fenomenológica, Olivieri (1985) diz que a doença provoca uma ruptura entre o ser-saudável e o ser-doente, tornando o futuro incerto, já que evidencia sua possibilidade de deixar-de-ser-no-mundo, o que antes era negado ou despercebido. O ser-no-mundo seria a existência do homem no mundo material e existencial. É importante compreender a presença do homem nesses “dois mundos” para então proporcionar um atendimento humanizado e não somente tecnocrático. Para tanto é preciso que o olhar sobre o paciente seja ampliado, buscando compreender a experiência e os sentidos atribuídos à doença e ao tratamento. O paciente oncológico está inserido nesse contexto, pois, antes do diagnóstico ele tem seus papéis pré-determinados, e hábitos formados. Depois de diagnosticado, ele perde seu lugar no mundo e precisa reorganizar seus papéis para reposicionar seu ser-no-mundo. O paciente precisa enfrentar a realidade de viver com câncer e suas implicações, ou seja, sofrimento, sentimento de deteriorização do corpo e da vida, incertezas em relação ao futuro, mitos, medo da rejeição, realidade da morte e angústia de ser-no-mundo-com-câncer.

O novo existir com câncer adquire algumas características próprias quando é a mulher que tem de lidar com a doença, envolvendo aspectos psicossociais. O fato de a mulher ser considerada um ponto de referência e apoio aos membros de sua família, faz com que ela além de ter a preocupação com a doença, se preocupe com o impacto que o câncer fará na sua

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

família. Quando acometida por uma doença com possibilidade de morte, nota-se inversão no papel de cuidadora que é o da mulher, para o papel de ser cuidada.

Como exposto em Silva (2008) a personalidade feminina se baseia no vínculo com outras pessoas, principalmente no âmbito familiar e escolar. Qualquer situação que ameace essa relação afeta diretamente seu emocional, isso é evidente quando a mulher é diagnosticada com o câncer. Como o foco deste trabalho é a mulher, um destaque especial será dado ao câncer de mama, pois o seio é o principal ícone de feminilidade para mulher, e uma futura mutilação pode acarretar em sérias consequências para a identidade feminina, abalando sua sexualidade, maternidade e feminilidade. O presente estudo tem como pergunta que o fundamenta: como a angústia se manifesta na vivência de mulheres com câncer? Tendo como objetivo então, conhecer esse sentimento que se manifesta nessas mulheres.

Trata-se de uma pesquisa empírica exploratória. De acordo com Rodrigues (2007) pesquisa empírica é quando se tem a observação dos fatos tal como ocorrem, ou seja, não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas. É exploratória porque seu objetivo é a caracterização inicial do problema, sua classificação e também sua definição. Além de envolver entrevistas com pessoas que têm experiências práticas com o problema pesquisado. Participarão da pesquisa 6 mulheres e a faixa etária delimitada para esse projeto será de 20 a 40 anos. A escolha do gênero feminino será relevante tendo em vista o importante papel da mulher no contexto familiar e as dificuldades decorrentes do fato de ser portadora de câncer, que é uma doença crônica que necessita de tratamento agressivo em seu combate, e ainda pelo impacto psicológico que o acompanha, criando possibilidades de desajustes psicológicos no momento de sua descoberta.

A entrevista será feita na Rede Feminina de Combate ao Câncer, que fica localizada na Avenida Cerro Azul, número 1979, no município de Maringá – Paraná. Para a realização dessa pesquisa já objetivamos a autorização da Rede Feminina de Combate ao Câncer, o contato com a mesma foi efetuado via *email* e por telefone celular. Em seguida, o projeto será encaminhado para o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Após a sua aprovação iniciaremos o trabalho, será realizada uma abordagem com os possíveis entrevistados, marcando um horário para a explicação dos procedimentos a serem realizados e também para a entrega do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para os que aceitarem fazer parte dessa investigação, que deverá ser assinado e entregue para os pesquisadores. Esse termo conterá

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

informações com o propósito de explicar os objetivos da pesquisa para os participantes, além de informar os possíveis desconfortos que possam ser causados pela participação dos mesmos. Após os procedimentos éticos realizados e com o TCLE em mãos, a entrevista será marcada.

A escolha dos participantes será feita pelo método de amostra por conveniência ou acessibilidade, que segundo Torres (2000) é o método mais básico de amostragem, sendo ausente de regras estatísticas, pois, é o pesquisador que delimita sua população. As questões serão aplicadas pessoalmente por meio de uma entrevista semiestruturada, a escolha por esse tipo de entrevista ocorreu por ela poder nortear as respostas dos entrevistados dando uma maior chance para os pesquisadores atingirem assuntos específicos, que fazem parte da pesquisa (MINAYO, 2007). Para que os dados obtidos na entrevista não entrem em contradição e para que a mesma não seja interrompida por motivos desnecessários, como solicitar que a resposta seja repetida, a entrevista será gravada e descartada (apagada) após o seu conteúdo ser digitado pelos pesquisadores.

O conteúdo transcrito será analisado a partir da abordagem teórica fenomenológica existencial, pelo método qualitativo. O método qualitativo é feito no local de origem dos dados e não impede o pesquisador em empregar a lógica do empirismo científico, mas parte da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares dotados de certo grau de ambigüidade (NEVES 1996). Por meio da análise fenomenológica, as experiências dos sujeitos fornecidas por meio da entrevista, serão analisadas, podendo então o pesquisador trabalhar com a consciência do portador da doença.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Referências

FRAGA, V. F.; SCHULTZ, J. A. D. Velamento da angústia existencial do cidadão e do homem público e o sentido de um dever ser próprio a ações sérias. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, p. 67-91, jan./fev. 2009.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, 2007.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, 1996

OLIVIERI, D. P. **O “ser doente”**: dimensão humana na formação do profissional de saúde. São Paulo: Editora Moraes, 1985. p. 81.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia Científica**. Paracambi, 2007. p. 20.

SILVA, Lucia Cecilia. Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 231-237, abr./jun. 2008.

SILVA, Lucia Cecilia. **O cuidado na vivência do doente de câncer**: uma compreensão fenomenológica. Maringá: Eduem, 2009. p. 148.

SILVEIRA, Nádia Heusi. Câncer e Morte. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 1, n. 3, p. 366-376, dez. 2002.

TORRES, R. R. **Estudo sobre os planos amostrais das dissertações e teses em administração da faculdade de economia, administração e contabilidade da universidade de São Paulo e da escola de administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**: uma contribuição crítica. São Paulo, 2000.

_____. **O que é câncer**. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=322> Acesso em: 04 set. 2013.

_____. **O que causa o câncer**. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=81> Acesso em: 04 set. 2013.

_____. **Como tratar**. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=483> Acesso em: 04 set. 2013.